

PAULO
DARZÉ

G A L E R I A

SIREÈVES

ISIDORA GAJIC

ABERTURA

13 de agosto, às 19h

EM EXPOSIÇÃO

até 14 de setembro



Rua Dr. Chrysippo de Aguiar, 8
Corredor da Vitória, Salvador, Bahia ▪ CEP 40081-310



SIRÈNES DE ISIDORA GAJIC

Paulo Darzé Galeria, ago. 2026

A série fotográfica *Sirènes* de Isidora Gajic focaliza relações arquetípicas da feminilidade. Após ser apresentada em exposições individuais no Rio de Janeiro (Brasil, 2024), Paris (França, 2023) e Colônia (Alemanha, 2022), e ser tema do livro de artista lançado em Arles (França, 2023), *Sirènes* ocupa a Galeria Paulo Darzé em Salvador.

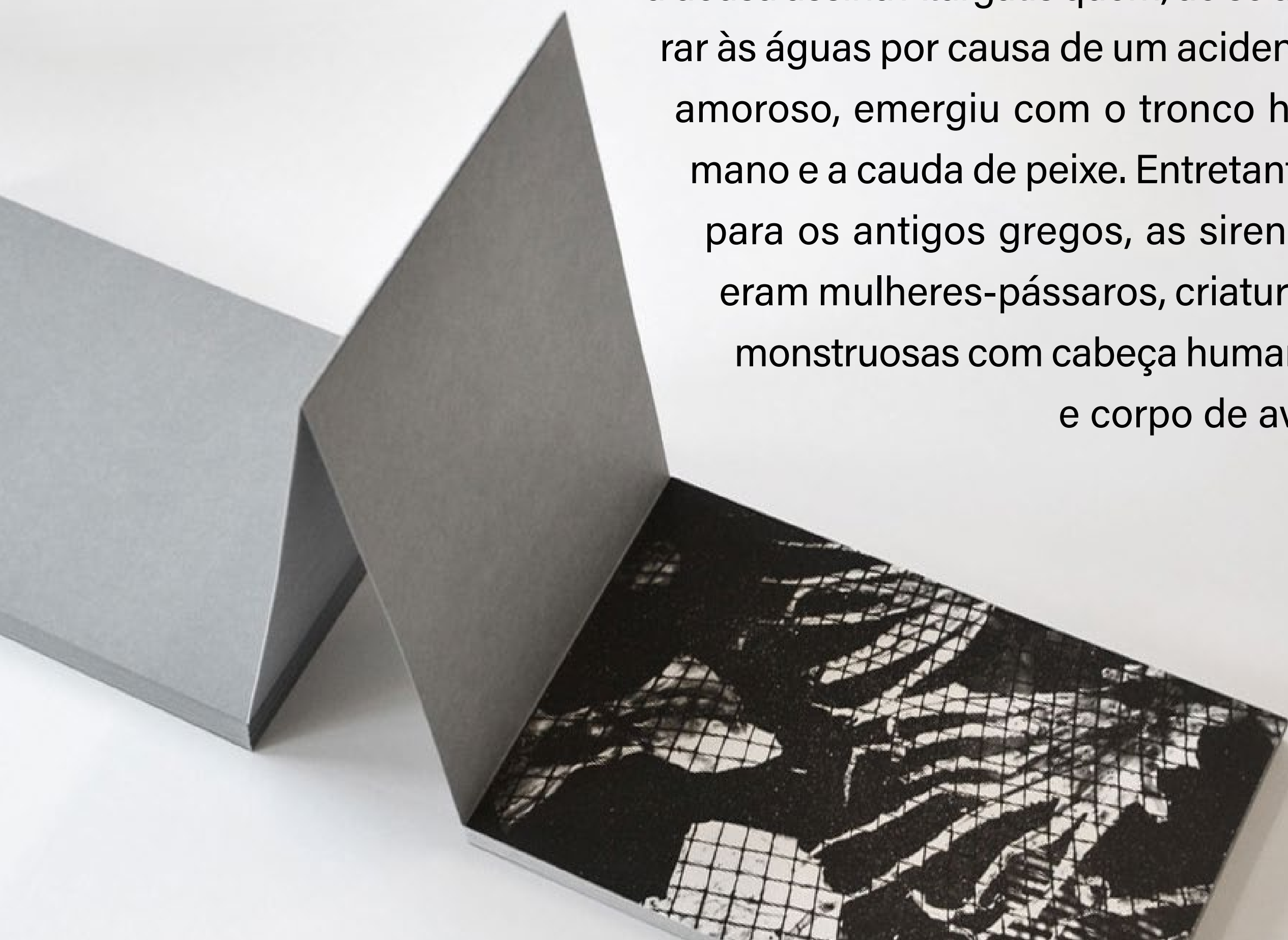
Nascida em Belgrado, Servia, em 1988, Gajic vive no Brasil desde 2012. Como artista visual trabalha com fotografia, através de instalações e livros de artista, explorando a fotografia não documental e temas como memória, transformação, feminilidade, mitologia e a relação emocional entre o corpo e a natureza. A artista busca criar delicadas ambiências imersivas nas quais as imagens tornam-se objetos atmosféricos, utilizando fotografia analógica, digital e de grande formato, através de registros sobrepostos e experimentações com materiais, luz, movimento e transparência.

Nas séries anteriores de Gajic, *Telas e Tramas* (2016) e *Flutuações* (2020), aparecem incipientes alguns elementos da série *Sirènes* (2022). Impressas sobre seda e suspensas no espaço, as imagens perscrutam ideias de sensualidade e fluidez, metamorfose e desaparecimento. Como fruição imersiva, a instalação explora o extracampo

fotográfico, tanto do âmbito invisível além das bordas das capturas, quanto do espaço expositivo da galeria.

O título da série *Sirènes* funde dois termos e significados diferentes no português: sereia e sirene. A sereia é uma criatura lendária metade mulher e metade peixe, enquanto o termo sirene comporta duas acepções: a sirene mitológica da mulher com corpo de pássaro e a sirene como dispositivo de alarme sonoro.

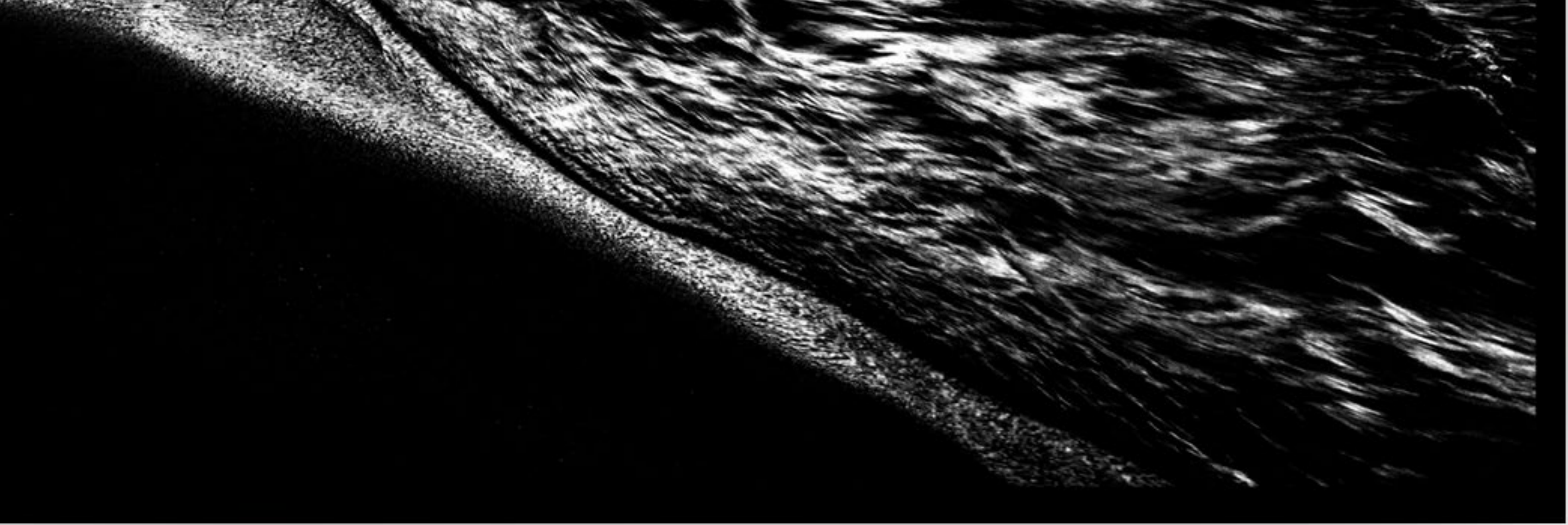
Desde o ponto de vista biológico, sirenes e sereias são seres híbridos, descendentes do cruzamento entre diferentes espécies ou gêneros. Em termos mitológicos, a fisionomia mais conhecida das sereias como mulher-peixe remonta à Mesopotâmia, cerca de 1.000 a.C., à deusa assíria Atargatis quem, ao se atirar às águas por causa de um acidente amoroso, emergiu com o tronco humano e a cauda de peixe. Entretanto, para os antigos gregos, as sirenes eram mulheres-pássaros, criaturas monstruosas com cabeça humana e corpo de ave.



Relatadas por Homero na Odisseia, as sirenes eram seres assustadores que, com seu canto hipnótico, atraíam marinheiros para a morte – possivelmente daí derive a acepção atual de sirene como sinal sonoro de emergência. Entretanto, na cultura ocidental, a fisionomia da sereia como ser aquático se registra a partir do século VIII, quando diversos relatos misturam o mito grego da sirene com lendas nórdicas e contos populares, transformando as mulheres-pássaro em donzelas com caudas de peixe.

Como todo ser híbrido, as propriedades das sirenes e das sereias resultam da combinação fenotípica e comportamental das espécies progenitoras, sejam mulheres-pássaros ou mulheres-peixe, dualidades ou forças da natureza que personificam tanto a inteligência, a sagacidade e a sensualidade quanto a ferocidade e a intempestividade. Na longa tradição da arte alegórica, enquanto seres híbridos, sirenas e sereias costumam representar a conexão entre o Cosmos e a Terra, entre a juventude e a fertilidade, e entre a transitoriedade e a morte.

*“dualidades ou forças
da natureza que personificam tanto
a inteligência, a sagacidade e a
sensualidade quanto a ferocidade
e a intempestividade.”*



A série fotográfica de Gajic é inspirada musicalmente por *Sirènes*, de Claude Debussy, terceiro e último movimento da sinfonia *Nocturnes* (1899), composição caracterizada por uma atmosfera impressionista, com texturas musicais fluidas, onde a música não tenta contar uma narrativa, mas sim pintar um quadro sonoro, que capta o mar e seus inúmeros ritmos. Diferente das tradicionais obras corais, nessa obra Debussy utiliza um coro de vozes femininas que canta apenas em vogais, onde a voz é tratada puramente como um instrumento orquestral, fundindo-se ao timbre da orquestra para criar um efeito que evoca o canto hipnótico e misterioso das míticas sereias sobre o ritmo ininterrupto do oceano.

Além das inspirações e referências simbólicas, a série *Sirènes* de Gajic resulta de um intrincado trabalho de edição fotográfica, de pesquisa de impressão e de intervenção técnica próximo da pintura. O processo criativo é atravessado por situações extremas de fugacidade e resistência da imagem, de sua transitoriedade e permanência no suporte, tensionando as possibilidades mecânicas e o fazer artesanal.

“Gajic busca ir além da fotografia enquanto imagem fixa, [...] desconstruindo a ideia de unicidade dos enquadramentos.”

As imagens de base são oriundas de inquietações que vão se articulando no processo criativo da artista, a maioria capturas noturnas realizadas em Portugal, motivadas pelo estudo da dramaticidade da luz, e na Bahia, observando a enchente da maré. Entretanto, Gajic busca ir além da fotografia enquanto imagem fixa. Primeiramente, a artista investiga a superposição de diversas capturas como impermanência da imagem, desconstruindo a ideia de unicidade dos enquadramentos. Depois, experimenta a emulsão sobre diferentes tipos de seda, buscando ir além do suporte, como um corpo respirando no espaço, explorando uma dimensão orgânica e flutuante dos tecidos suspensos. Todavia, metade das imagens processadas não suportam ou atendem às condições de impressão na seda. Assim, as imagens resultantes contêm uma ideia de resistência que oferece um contraponto interessante à delicadeza do resultado final.

Sejam bem-vindos à exposição e se deixem embalar pelo mistério das águas e da fauna das profundezas do mar ao ritmo da música silenciosa das *Sirènes* de Isidora Gajic.

Alejandra Muñoz

Jul.2026



Sirènes, 2022

Impressões litográficas de Bruno Robbe (Bélgica)
Encadernação acordeão e *slipcase* de Laurel Parker
18 × 27 cm ▪ Edição: 1 + 35 P.A.





Água viva "coney island", 2022

Impressão sobre seda suspensa em estrutura de ferro e conjunto de ímãs

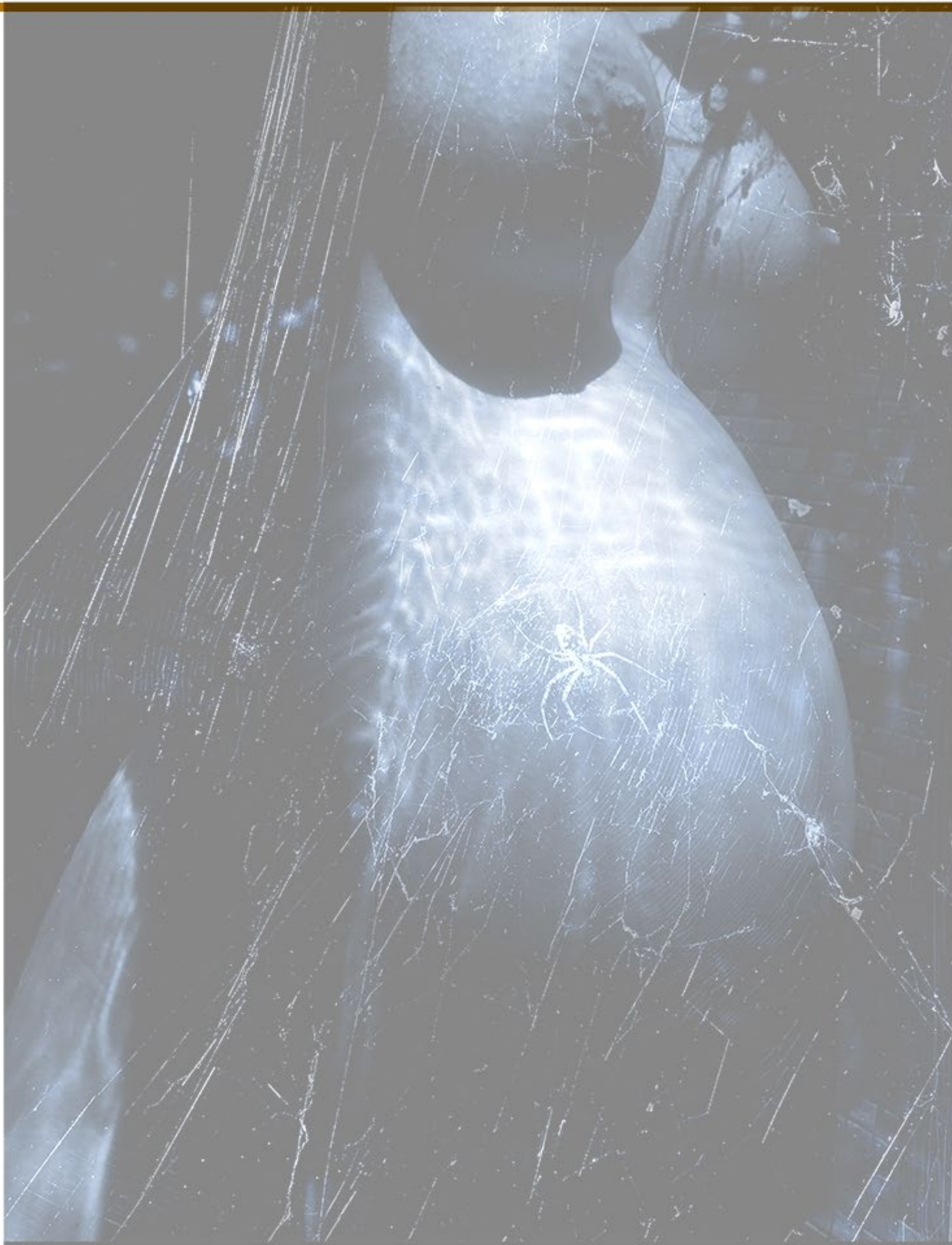
92 x 134 cm ▪ Edição: 2 + 1 P.A.



Água viva I, 2017/2022

Impressão sobre seda transparente suspensa no aço de cobre

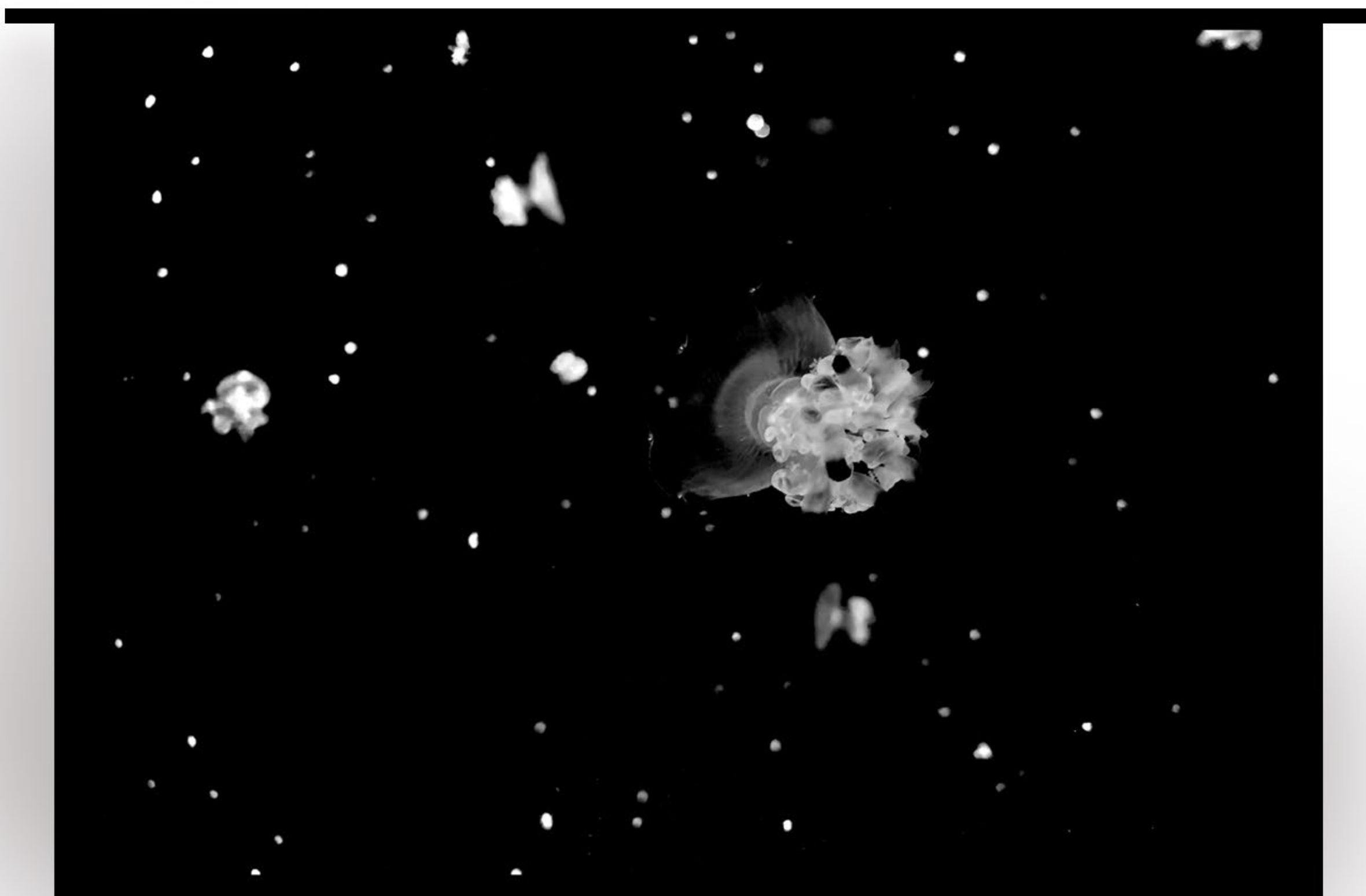
93 x 135 cm ▪ Edição: 2 + 1 P.A.



Belly “seda transparente”, 2018/2023

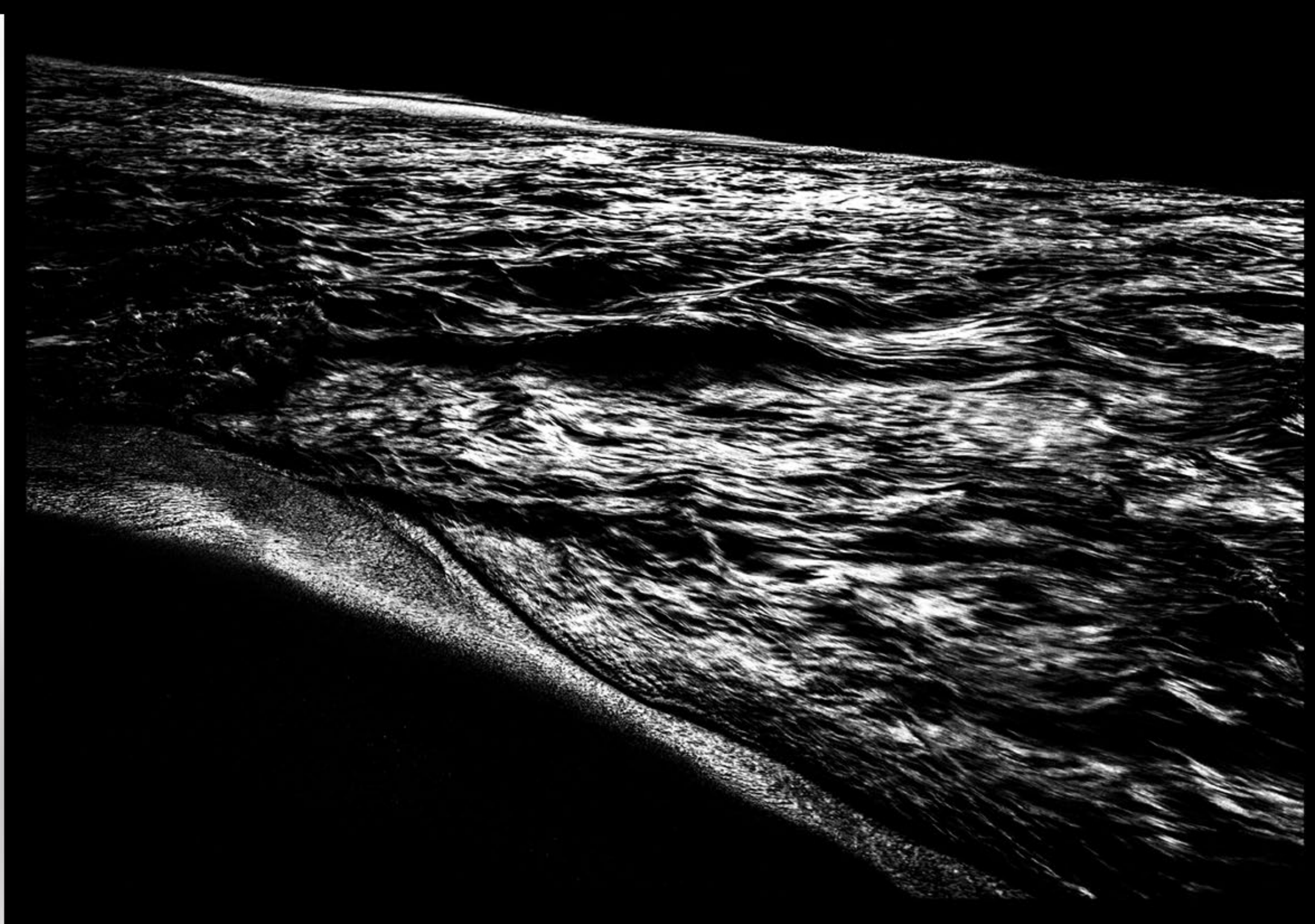
Impressão sobre seda transparente suspensa no aço de cobre

104 × 135 cm ▪ Edição: 2 + 1 P.A.



Jellyfish, 2019/2022

Impressão sobre seda suspensa em estrutura de ferro e conjunto de ímãs
106 x 137 cm



Moon bath, 2016/2022

Impressão sobre seda suspensa em estrutura de ferro e conjunto de ímãs

93 x 134 cm ▪ Edição: 2 + 1 P.A.



Nazare's octopus, 2017/2022

Impressão sobre seda transparente suspensa no aço de cobre

132 x 197 cm ▪ Edição: 2 + 1 P.A.



Swimming pool, 2015/2022

Impressão sobre seda suspensa em estrutura de ferro e conjunto de ímãs

135 x 181 cm ▪ Edição: 1 + 1 P.A.

ENTREVISTA

de Claudius Portugal com Isidora Gajic

C.P.: Você nasceu na Sérvia, cresceu na Hungria e na Suíça. Depois de terminar o ensino secundário frequentou a escola de fotografia em Amsterdã, onde realizou bacharelado em Belas Artes. Desde 2012 vive no Brasil, mora no Rio de Janeiro, em Araras. Críticos afirmam frequentemente que suas imagens são uma forma de poesia visual e que histórias pessoais fundamentam sua criação. Há nela este trânsito entre autobiografia e ficção?

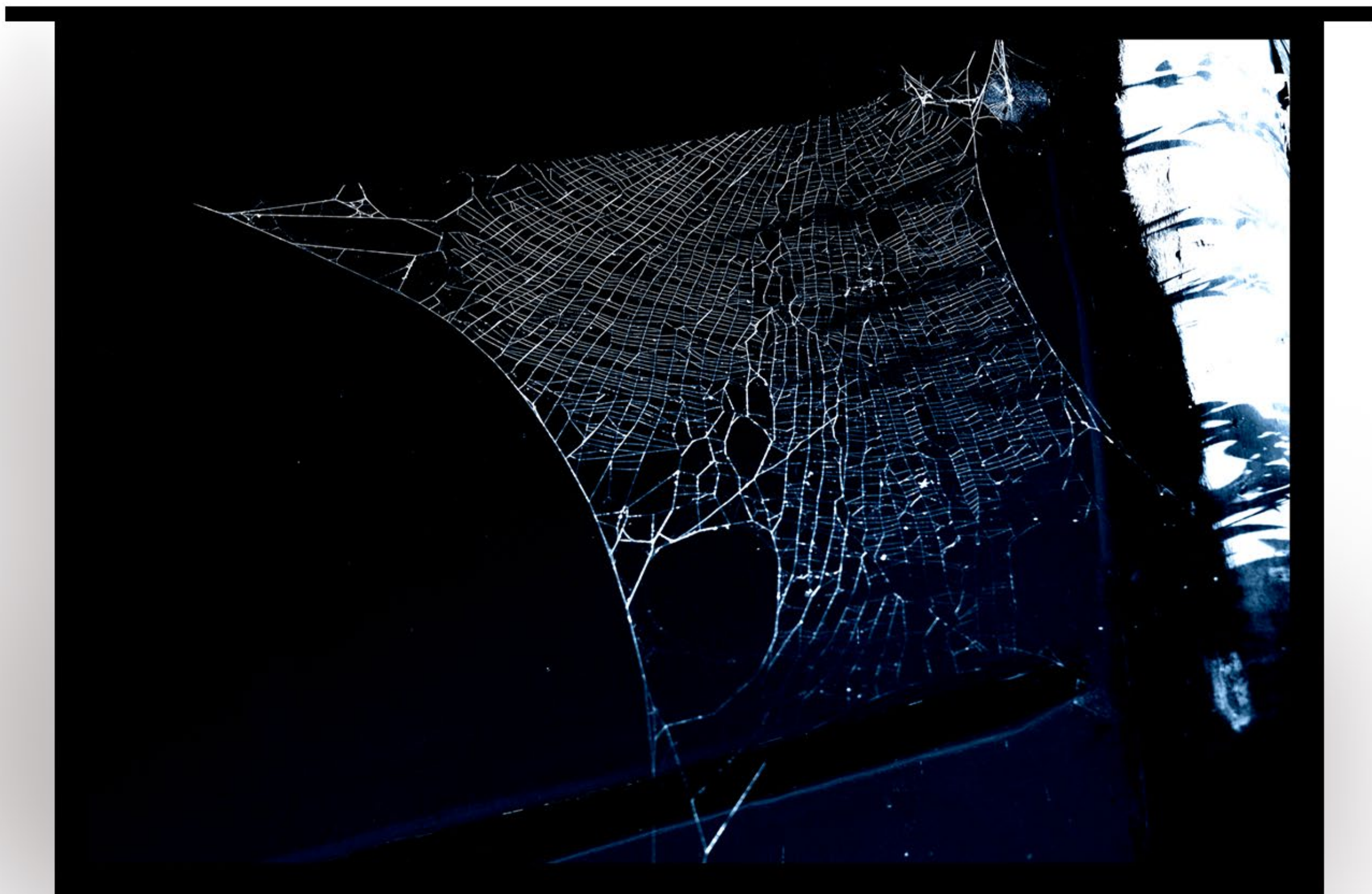
I.G.: Sim, existe um trânsito entre autobiografia e ficção. As fotografias quase sempre nascem de momentos da minha vida, de experiências e observações. Cresci entre diferentes países e idiomas e, talvez por isso, a fotografia tenha se tornado a forma que encontrei para pensar e compreender o mundo. Meu trabalho começa de maneira intuitiva. Primeiro eu fotografo. Só depois volto para as imagens e tento entender por que fiz aquelas fotografias. Aos poucos, elas me levam para novas leituras, lembranças, músicas ou mitos, e o trabalho ganha uma direção mais clara. A autobiografia está presente porque tudo parte da minha própria experiência. Mas não faço fotografias para contar a minha história. Muitas vezes são as próprias imagens que acabam me mostrando algo que eu ainda não tinha conseguido perceber.

C.P.: Outra forma de dizer é que ela abarca a procura de transformar sentimentos e relações em fotografias. Utiliza das imagens para desenvolver uma forma de poesia visual que mistura ficção e documentário, explora temas como a energia feminina, o nascimento, os estados de espírito interiores, os contos de fadas e a passagem do tempo. Como sente esta leitura de seu trabalho, ou sente que há uma outra leitura ou outras?

I.G.: Acho essa uma leitura muito bonita e me reconheço em desses temas. Ao mesmo tempo, acredito que existam muitas maneiras de ler uma obra. Gosto da distinção que Roland Barthes faz, em *A Câmara Clara*, entre o *studium* — ligado ao contexto, à cultura e ao que podemos compreender em uma imagem — e o *punctum*, aquilo que nos toca de maneira íntima e inesperada. Essa ideia sempre me acompanhou porque me lembra que uma fotografia nunca se esgota em uma única leitura.

Acesse a entrevista completa em nosso site





Teia quadrangular, 2018/2022

Impressão sobre seda suspensa em estrutura de ferro e conjunto de ímãs

96 x 134 cm ▪ Edição: 2 + 1 P.A.



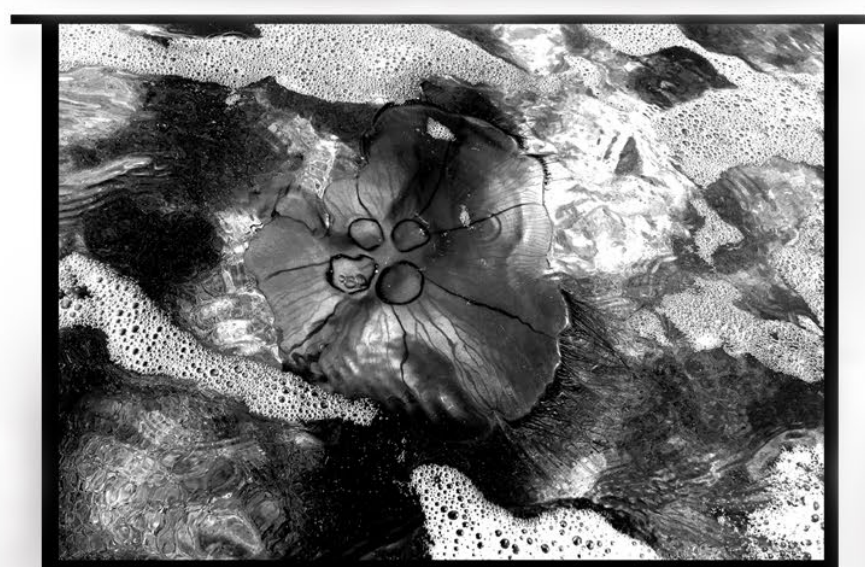
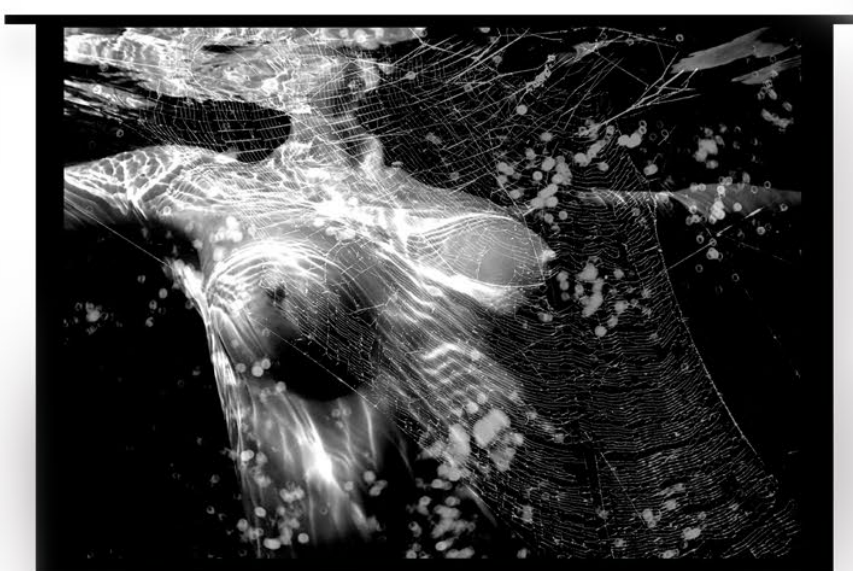
Silhouette octopus, 2017/2022

Impressão sobre seda suspensa em estrutura de ferro com conjunto de ímãs
51 x 67 cm ▪ Edição: 2 + 1 P.A.



Flower and body, 2020/2022

Impressão sobre seda suspensa em estrutura de ferro com conjunto de ímãs
98 x 136 cm ▪ Edição: 2 + 1 P.A.



Sirènes - polyptych , 2017/2022

Impressões sobre seda suspensas em estruturas
de ferro e conjuntos de ímãs ▪ 135 × 208 cm

Seis peças de seda formando um políptico ▪ Edição: 1 + 1 P.A.



Web I, 2016/2022

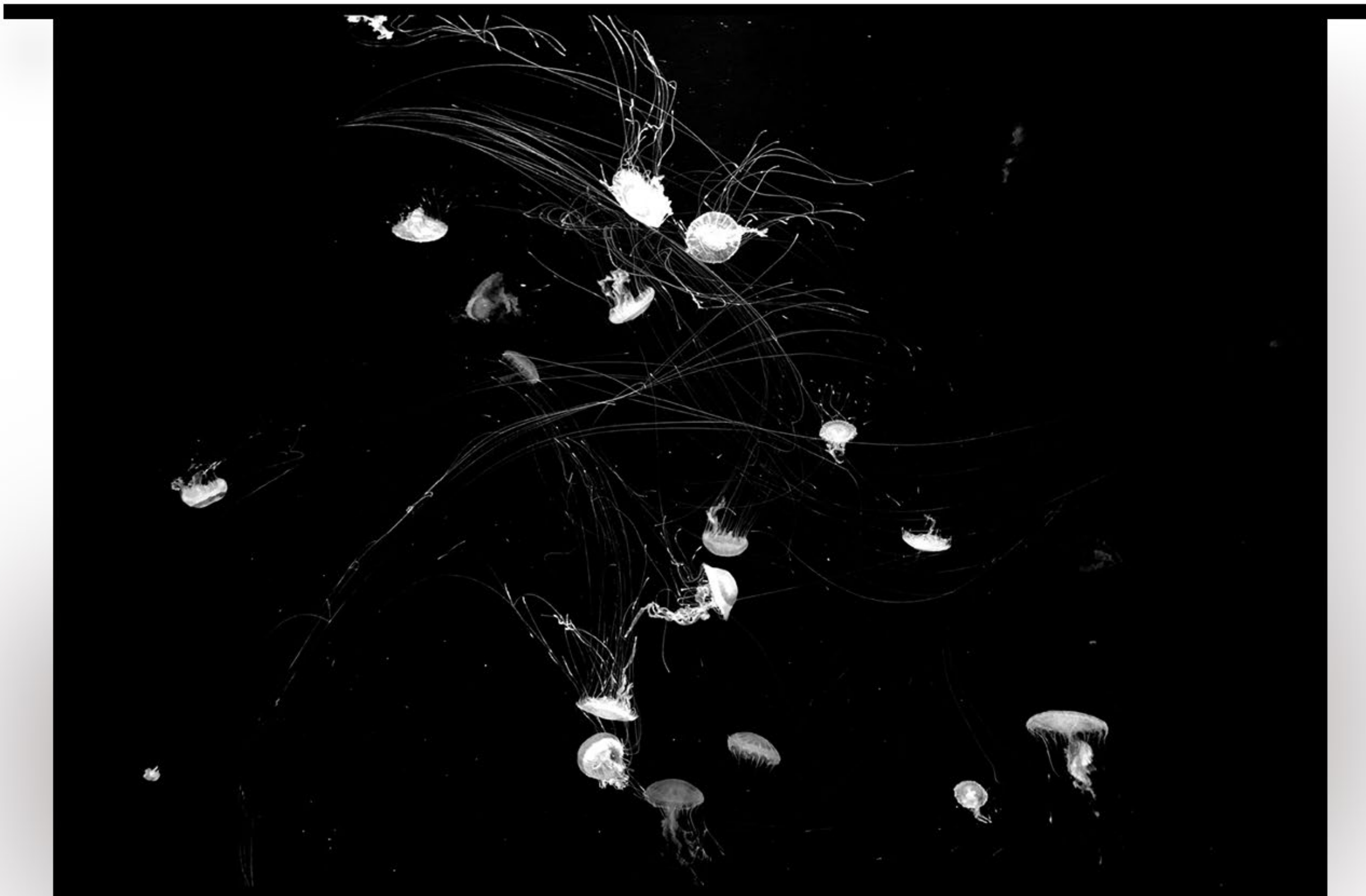
Impressão sobre seda suspensa em estrutura de ferro com conjunto de ímãs
135 x 181 cm ▪ Edição: 1 + 1 P.A.



Meduza "proof 1", 2019/2022

Impressão sobre seda suspensa em estrutura de ferro e conjunto de ímãs

135 x 181 cm ▪ Edição: 1 + 1 P.A.



Medusas floating, 2019/2022

Impressão sobre seda suspensa em estrutura de ferro e conjunto de ímãs
104 x 135 cm ▪ Edição: 2 + 1 P.A.



ISIDORA GAJIC é uma artista visual sérvia que vive no Brasil, atuando principalmente com fotografia, instalação e livros de artista. Nascida em Belgrado, em 1988, cresceu entre Sérvia, Hungria e Suíça antes de seguir seus estudos em Amsterdã, onde se formou em Fotografia. Entre 2020 e 2023, também participou do Artist Masterclass Program da Latela Curatorial, nos Estados Unidos.

Seu trabalho explora temas como memória, transformação, feminilidade, mitologia e a relação emocional entre o corpo e a natureza. Combinando fotografia analógica, digital e de grande formato, imagens sobrepostas e experimentações com materiais e papéis, Gajic frequentemente cria instalações imersivas nas quais as imagens tornam-se objetos atmosféricos. Seda, luz, movimento e transparência são elementos recorrentes em sua prática.



Coordenação

Paulo Darzé e Thais Darzé

Texto de apresentação

Alejandra Muñoz

Produção executiva

Aline Camargo

Dulcivalva Goes

Patrícia Nunes

Entrevista e consultoria

Claudius Portugal

Fotografia

Pedro Tressi

Camila Meds

Renan Benedito

Montagem

Alex Sandro Almeida Oliveira

Antonio Jorge Reis dos Santos Jr.

Jenivaldo Jesus dos Santos

Projeto gráfico e diagramação

P55 Edição

**PAULO
DARZÉ**

G A L E R I A